



# Bravo!

LER, VER E OUVIR

“No princípio, o teatro era o canto ditirâmico: o povo livre cantando ao ar livre. O carnaval. A festa”

AUGUSTO BOAL  
(TEATRO DO OPRIMIDO,  
EDITORA 34)

VINIL

## Feito doce

DISCO RARO DE 1974,  
EXPOENTE DA CENA  
NORDESTINA,  
FLAVIOLA E  
O BANDO DO SOL  
É RECUPERADO  
E RELANÇADO



Os anos 1970 foram pródigos em experiências psicodélicas extraordinárias, algumas das quais quase ninguém lembra com precisão por causa da profusão de substâncias envolvidas. Na música, uma dessas experiências foi, sem dúvida, o disco pernambucano *Flaviola e o Bando do Sol*, lançado há 46 anos, que juntava um grupo de músicos que definiria o futuro da música nordestina: Lula Côrtes, Robertinho do Recife, Paulo Raphael e Zé da Flauta, entre outros.

Em 1974, um ano de grande fertilidade musical, o único disco lançado pelo poeta Flávio Lira, o Flaviola, alcançava o pico mais radical das expe-

riências do período (assim como os discos de Marconi Notaro e o grupo Ave Sangria). Para delírio dos amantes do som psicodélico, a Polysom relança agora o vinil de Flaviola em 180 gramas, em parceria com a gravadora pernambucana Rozenblit, que o lançara originalmente. A restauração gráfica foi feita a partir do acervo preservado por Luiz Calanca, do selo Baratos Afins – convém lembrar que a capa de Flaviola é absurdamente parecida com a capa de um disco do sacerdote do *space rock*, o britânico Syd Barrett: *Opel*, de 1988.

Ao longo dos anos, em fitas que passavam de mão em mão, em cópias piratas de todo tipo, Flaviola e o Bando do Sol tornaram-se um mito da cultura *underground* brasileira. Ouvindo hoje as 13 canções de seu álbum raro, é possível perceber os motivos. A poética era de ruptura, com a presença, no disco, de dois poemas musicados do espanhol García Lorca (*Canção de Outono* e *Romance da Lua, Lua*) e um do russo Vladimir Maiakovski (*Balalaica*). Há um trecho musicado do *Hamlet*, de Shakespeare (“Noite, noite, noite eterna/ Trevas, quando se dissiparão?”). Lula Côrtes, primeiro parceiro de Zé Ramalho, fornece as outras pedras de toque da poética. “*Essas palavras/ O vento imaginou que eram nuvens*”, diz uma letra

de Henriqueta Lisboa. A sonoridade parece materializar Flaviola como um Mark Sandman (do Morphine) do sertão, uma entidade estranha. Era artista de confronto: por causa de seu erotismo acentuado, Flaviola foi intimado pela Polícia Federal em uma de suas apresentações, naquela década, acusado de algo parecido com “indecência”.

Em 2015, Flaviola foi um dos artistas a se apresentarem na 23ª edição do Festival Abril Pro Rock. Vive hoje no Rio de Janeiro e, em dezembro, prometeu um novo disco em 2020, com uma faixa composta em 1972, antes, portanto, de seu lendário único disco daquela década. Mas a sonoridade será inteiramente nova. “Se fosse para soar como *Flaviola e o Bando do Sol*, eu não teria me dado ao ‘trabalho’ de fazer um novo disco”, disse. –Jotabê Medeiros.



FLAVIOLA E O  
BANDO DO SOL

Lançamento Polysom/  
Rozenblit. 120 reais



# Bravo! **HOWS**

## REFESTANÇA

A noite **Refeſtança**, na Casa Natura Musical, em São Paulo, reunirá no domingo 9 os blocos **Ritaleena**, dedicado ao repertório da Rita Lee, e Filhos de Gil, inspirado na obra de Gilberto Gil. De 40 a 60 reais.



## BAILÃO

Em Salvador, no Pelourinho, a banda baiana de pagode eletrônico **Attoexxá** promove o **Bailaum Metedeira**, no sábado, 8, com três horas de música. Ingressos a 40 reais (inteira).



## LIVRO



## MARISA, MUITO ALÉM DE LULA

UMA BIOGRAFIA DO JORNALISTA CAMILO VANNUCHI ACOMPANHA DE PERTO A SAGA DA EX-OPERÁRIA E EX-PRIMEIRA-DAMA BRASILEIRA

“**M**ataram o Teori, vão matar meu marido também!” A frase foi dita por Marisa Letícia Lula da Silva ao saber da morte de Teori Zavascki, ministro do Supremo Tribunal Federal, em 19 de janeiro de 2017, segundo narra a biografia escrita pelo jornalista Camilo Vannuchi, filho de Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos de Luiz Inácio Lula da Silva entre 2005 e 2010. Divergindo da própria profecia, Marisa morreria 15 dias depois, em consequência de um AVC sofrido no dia 24 do mesmo janeiro. “Mataram a Marisa!”, exclamou em 3 de fevereiro Zelinha, encarregada da lanchonete do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, ainda segundo o biógrafo.

O trânsito de Camilo Vannuchi com os personagens em questão é o motor de *Marisa Letícia Lula da Silva*, que conta a história do Brasil dos últimos 50 anos pela ótica não do marido, mas da esposa. O livro tinha sido autorizado por ela, mas não houve tempo para as entrevistas acertadas entre o biógrafo e a biografada. Lula, por sua vez, começou a ser entrevistado, mas o trabalho foi interrompido por sua prisão, em 7 de abril de 2018 (dia em que Marisa completaria 68 anos, se estivesse viva).

A morte de Marisa e a prisão de Lula aguçaram a pertinência de uma biografia da ex-primeira-dama brasileira, e também tornaram mais melancólica a

**Marisa Letícia: protagonismo maior do que lhe quiseram creditar**

transcrição da saga da ex-operária nascida em São Bernardo do Campo, que teve seu primeiro emprego aos 9 anos de idade, como babá em uma casa da família Portinari. Vannuchi reconhece no livro que uma mulher teria lugar de fa-

la mais adequado para cumprir a tarefa biográfica, deficiência que ele procura sanar abordando com afinco as vivências sobre diferenças de gênero no seio da família (*Lula da*) Silva.

Mesmo assim, por diversas vezes, Lula rouba o protagonismo da narrativa, algo com que dona Marisa sempre conviveu. Cerca de cem entrevistas ajudam-no a documentar a centralidade feminina de Marisa no dia a dia do lar, do Sindicato dos Metalúrgicos, do Partido

dos Trabalhadores, das campanhas eleitorais, da Presidência da República entre 2003 e 2010, da perseguição implacável no contexto da operação Lava Jato. Flagra o ciúme que Marisa sentia por Lula (e, bem mais discretamente, o que Lula sentia por Marisa) e documenta as inseguranças que mantiveram a protagonista quase sempre silenciosa durante os anos no poder. É uma história que soa triste no calor da hora, pelo desfecho vivido por Marisa, mas cuja grandeza, de um jeito ou de outro, estará inscrita nos livros de história, a começar por este. -PAS

**MARISA LETÍCIA LULA DA SILVA**  
CAMILO VANNUCHI



**MARISA LETÍCIA LULA DA SILVA**

Camilo Vannuchi. Alameda, 410 págs., 64 reais.



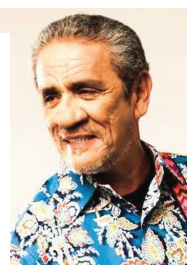
#### CONCHA NEGRA

Também em Salvador, na Concha Acústica do Teatro Castro Alves, reúnem-se **Margareth Menezes** (foto), Luedji Luna e Afrocinde, no projeto **Concha Negra**, voz à música afrourbana. 30 reais.



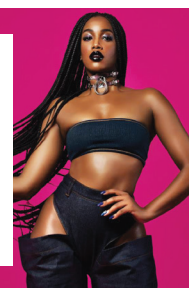
#### VIDA DE GADO

No Rio de Janeiro, o parai-bano **Zé Ramalho** comanda o show no Vivo Rio, no Parque do Flamengo, com grandes sucessos de sua carreira. No sábado, 8, com ingressos entre 120 e 320 reais.



#### O FUNK DE IZA

Também no Rio, na Praia de Ipanema (altura da Rua Paul Redfern), a cantora **Iza** mostra sua **black music** moderna em apresentação ao ar livre, no domingo 9, dentro do Projeto Verão Tim. Entrada gratuita.



## TEATRO

### A MORTE EM VIDA

NA PEÇA DOS PRAZERES, A ATRIZ MARISTELA CHELALA INTERPRETA UMA IMIGRANTE BRASILEIRA QUE TEM UMA NOVA CHANCE



*Dos Prazeres: quando o sentimento de ruína revela o mundo*

#### DOS PRAZERES

**Com Maristela Chelala e direção de Ivan Andrade** No Sesc Vila Mariana, sextas-feiras, às 20 horas, e sábados, às 18 horas. Até 21 de fevereiro (sessão extra dia 20). Ingressos a 30 reais.

**M**aria dos Prazeres está morta, mesmo estando viva. Pois é assim que essa brasileira se sente aos 76 anos. Manauara que migrou há décadas para Barcelona, na Espanha, a protagonista não só tem poucos prazeres como ainda sonhou com algo que julga premonitório: ela vai morrer em breve. E passa a se dedicar aos preparativos do que seria um sepultamento digno. Ensina até seu cão de estimação a chorar diante de sua futura lápide.

Mas *Dos Prazeres*, sobrenome da personagem que dá nome ao monólogo em cartaz no Sesc Vila Mariana, terá uma nova chance quando percebe que não é ela, Maria, quem está morrendo. O país em que escolheu viver, a Espanha subjugada pela ditadura do general Francisco Franco, é que morre sufocada pelo autoritarismo político. Com direção de Ivan Andrade e dramaturgia de Ivan Marsiglia, o espetáculo situa-se entre a ficção e a realidade, com um agradável resultado ao final.

A peça tragicômica é baseada na história Maria dos Prazeres, do livro *Doze Contos Peregrinos*, de Gabriel García Márquez. Na obra, o escritor colombiano costura pequenas narrativas que têm em comum o fato de mostrar a vida de peregrinos latino-americanos pela Europa, o Velho Continente. Ao longo da vida, Gabo fazia anotações soltas e sem necessariamente saber se elas iriam resultar em um projeto literário.

Maristela Chelala dá vida a Maria dos Prazeres a partir de uma construção que flerta com o teatro de depoimentos. Nesse tipo de espetáculo, a história pessoal dos artistas entra em cena. A atriz também nasceu no Norte amazônico e, tal como a solitária Maria, tem um trauma com água. Ela conta da perda da mãe, afogada, e anos depois do pai, em um acidente de carro.

No início e até o meio da encenação, Maristela marca insistente e acentuadamente a distinção entre a sua história e a de sua personagem. Também faz as vozes de outros papéis menores. Mas a atriz brilha ao assumir as rédeas do destino da protagonista, visível no *timing* perfeito na cena que tem como fundo *American Pie* (cantando, esse será o dia em que eu morrer), de Don McLean. Ali descobrimos que muitas vezes é possível viver mesmo quando todos acham que estão mortos.

Em um texto recortado de referências históricas, como a do sindicalista e revolucionário anarquista espanhol Buenaventura Durruti, *Dos Prazeres* é também um convite à reflexão sobre o presente. O Brasil vive sua particular morte em vida. - Eduardo Nunomura



CDS



Zeca, presentel, e um recado para os fariseus da "nova" política nacional



## DE ZECA BALEIRO PARA A ESCÓRIA BRASILEIRA

NOVO EP DO MARANHENSE REVISITA O VELHO ESTILO INSOLENTES DOS ANTIGOS CARNAVAIS

O maranhense Zeca Baleiro transforma a indignação em carnaval no EP *Escória*, de quatro marchinhas leves na forma, mas cortantes feito faca afiada no conteúdo. A faixa-título começa fazendo a crônica ácida dos dias que correm: *Escória, escória/nem fodendo vocês vão conseguir entrar pra história/vou lhes dizer o que é política/o vagão de lixo passa e o trem da história fica/vou lhes dizer o que é arte e cultura/não vai crescer nem capim sobre vossa sepultura.*

*Bichos Escrotos II* faz citação ao rock dos Titãs em 1986 e segue a toda carga: O Brasil abriu a tampa do esgoto/ só bichos escrotos/ só ratos, só ratos/ esses diabos querem acabar com tudo/ com a civilidade/ com a nossa alegria/ nossa vingança vai ser de doer/ porque seremos felizes como eles não podem ser.

Passados os recados aos governantes, *Você Não Quer Divi-*

*dir o Avião* remete-se também aos eleitores: *Você não quer dividir o avião/ com pobre, né, irmão?/ se você pudesse você viajava em dois assentos/ seu ego gigante não sabe o que é constrangimento/ a riqueza é uma casa nos ares/ acima da miséria que aflige milhares.*

Sobra para os eleitores ditos religiosos: *E ainda por cima você fala em nome de Cristo/ acha que o reino dos céus é seu/ ai, meu Deus, ai, meu Deus, olhai pra isso/ por que fala em Cristo se age como fariseu?* O último recado, *Babaca Mané*, vai para o já defenestrado secretário de Cultura Roberto Alvim e para seus pares: *Respeita Fernanda Montenegro, babaca/ tu saiu de que cloaca?/ respeita Martinho da Vila, mané/ você não vale nem a sola do seu pé.*

ESCÓRIA

De Zeca Baleiro.  
Saravá.

As chances de as marchinhas de Zeca Baleiro emplacarem no Carnaval são nulas se valer o estado de acomodação e apatia em que nos encontramos. -PAS

## ENTRE O LUTO E A LUTA

Tão Real. De Rashid. Sony.

Ninguém entende se eu sou cantor ou MC, canta o rapper paulistano Rashid, aos 31 anos, na faixa *Não Pode*, de seu terceiro álbum de estúdio, *Tão Real*. O tema são as proibições tácitas que se impõem aos artistas do hip-hop e/ou da periferia, negros em sua grande maioria. Entre estas está a tese de que não são músicos nem cantores os MCs – mestres de cerimônia – do rap, quase sempre imersos em rimas faladas, quebradas, fragmentadas. *Não Pode* reflete a evolução e os dilemas do gênero, bem tematizados por Emicida no recém-lançado *AmarElo*, e desenvolvidos de modo mais tenso e concentrado por Rashid. Em *Tão Real*, as melodias crescem com discrição, em faixas como *A Busca*, a grave *Bem Loko* (em dupla com Rincón Sapiência, sobre o vício alcoólico), *Sobrou Silêncio* (com a pernambucana Duda Beat) e *Pipa Voada* (com Emicida e Lukinhas). A dureza do dia a dia persiste em *Todo Dia*, fundada no verso *luto todo dia*, que cruza propositalmente a condição do luto e o verbo lutar. O luto ribomba a cada acorde, mas é o verbo que conduz e irradia a força de *Tão Real*. PAS



## FOTOGRAFIA

# TODOS OS TEMPOS DE MAUREEN BISILLIAT

UMA EXPOSIÇÃO NO INSTITUTO MOREIRA SALLES MOSTRA AS DIVERSAS FACES DA ARTE DA VETERANA ANGLO-BRASILEIRA

Aos 89 anos, a fotógrafa e cineasta anglo-brasileira Maureen Bisilliat apresenta sua faceta audiovisual no Instituto Moreira Salles (Av. Paulista, 2.424), a partir deste dia 15. Fazendo vídeos desde os anos 1980, a artista reuniu extratos de 12 registros numa instalação que batizou como *Agora ou Nunca – Devolução:*

*Panoramas Audiovisuais de Maureen Bisilliat*, concebida por ela e por Rachel Rezende. Também serão exibidos o documentário *Equivalências: Aprender Vivendo*, sobre sua carreira, e uma seleção de fotografias. Profissional de interesses etnológicos que não têm fronteiras, indo da Costa do Marfim ao Recôncavo Baiano, do Alto Xingu à Vila Madalena, Maureen nasceu em Englefield, Surrey, Inglaterra, em 1931, e chegou ao Brasil em 1952, naturalizando-se em 1963. Estudou artes plásticas e escolheu a fotografia como forma primordial de expressão. O material em exibição consiste também em um rasante pela vida da fotógrafa, resgatando

**AGORA OU NUNCA  
–DEVOLUÇÃO:  
PANORAMAS  
AUDIOVISUAIS DE  
MAUREEN BISILLIAT.**

Instituto Moreira Salles (Av. Paulista, 2.424). Abertura dia 15, às 18 horas. De terça a domingo, das 10 às 20 horas. Grátis.

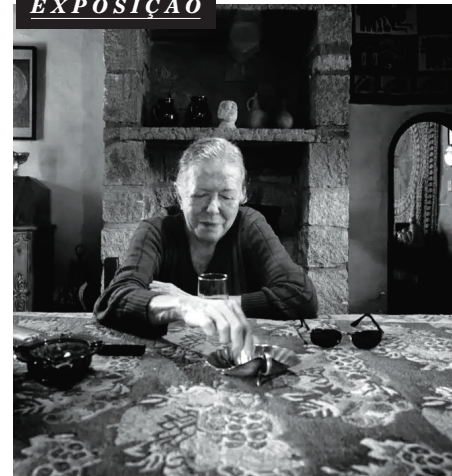
encontros de sua trajetória, como o de Maureen e Juceniro Rui de Jesus, fotografado por ela na Mangueira, Rio de Janeiro, em 1967. Maureen, que tem interesse pela junção entre fotografia e a literatura de João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Jorge Amado, é autora do livro *Sertões:*

*Luz e Trevas* (1982, reeditado em 2019 pelo Instituto Moreira Salles), que alterna trechos de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *flashes* do cotidiano da Região Nordeste.

De seu trabalho com os índios do Xingu resultaram exposições e publicações, como *Xingu/Território Tribal*, em co-autoria com os irmãos Villas-Bôas, de 1979, além do documentário *Xingu/Terra*, de 1982.

Ao lado de Darcy Ribeiro, criou o Acervo de Arte Popular Latino-Americana, que deu origem ao Pavilhão da Criatividade do Memorial da América Latina (inaugurado em 1989), do qual foi diretora. Em 2003, o IMS adquiriu seu acervo fotográfico, com 16.251 imagens, publicando, em 2009, o livro *Fotografias: Maureen Bisilliat*. - JM

## EXPOSIÇÃO



### O REFÚGIO CRIATIVO DE HILDA

**Revelando Hilda Hilst.** No Museu da Imagem e do Som, em São Paulo. Até 15 de março, grátis.

Nos 90 anos do nascimento da escritora Hilda Hilst (1930-2004), o Museu da Imagem e do Som de São Paulo apresenta uma exposição de retratos, alguns inéditos, as 15 edições originais de seus livros, leituras das obras e exibição de filmes. Gravações com vozes da autora, que foi poeta e dramaturga, também estarão presentes, revelando um momento peculiar na vida de Hilda: ela imaginava poder falar com o além.

O destaque da exposição é a narrativa fotográfica que foi feita em períodos distintos da vida da escritora. Vão desde as mais antigas, do fotógrafo português Fernando Lemos, quando Hilda tinha 29 anos, até as mais recentes feitas na sua residência, a Casa do Sol, uma espécie de refúgio da autora, localizado em Campinas. Registros dessa fase criativa, porém isolada, vêm à tona agora com a exposição do MIS. Os fotógrafos Gal Oppido, Eduardo Simões e Eder Chiodetto contemplam os registros de imagem de Hilda dos anos 1990 em diante. - EN



Interesses etnológicos de Maureen vão do Carnaval ao Índio